

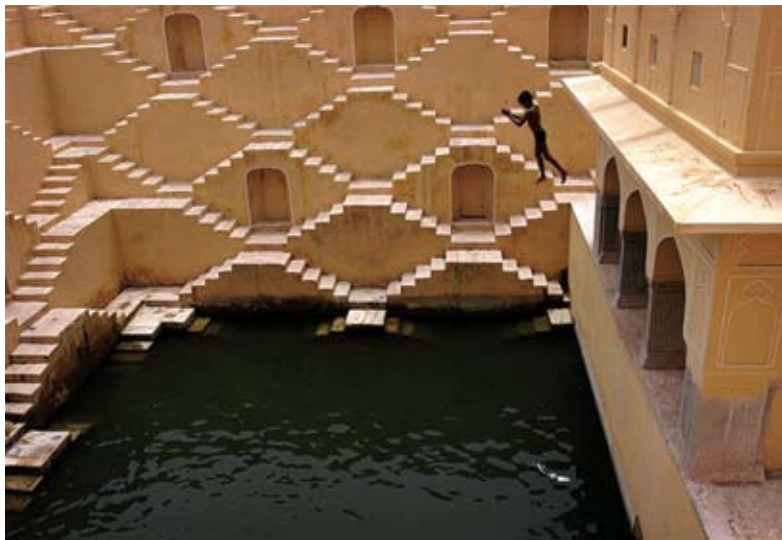
Música
27 e 30 Setembro
2 Outubro '08

Festival Expresso Oriente

Música de Este a Oeste

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Festival Expresso Oriente 2008 · 4ª edição · 74º, 75º e 76º concertos
Direção artística do projecto José Júlio Lopes Produção executiva OrchestrUtopica
Co-produção Culturgest/OrchestrUtopica Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos OU
Créditos OU e/ou dos autores identificados · Festival Expresso Oriente ©®
(incluindo textos), 2008, OrchestrUtopica ACSFL Agradecimentos A Orchestrutopica
deseja tornar público o seu agradecimento a Miquel Bernat.

Sáb 27, Ter 30 de Setembro · Qui 2 de Outubro
Palco do Grande Auditório · 21h30 · M12

Ocidente, Oriente: Novos caminhos. Outros horizontes.

O espírito do Festival Expresso Oriente sempre foi o de permitir o cruzamento e o confronto entre músicas de raízes diferentes, permitindo assim o contacto dos músicos e do público com músicas e linguagens inovadoras, diversas e distantes. Neste espaço têm sido apresentadas obras e compositores de países do Oriente e, também, de compositores do Ocidente que, de alguma forma, se interessaram por aspectos das culturas orientais e que o fizeram reflectir na sua música.

Uma das discussões que este "confronto" suscita diz respeito ao *molde ocidental* que parece estabelecer um padrão dominante em quase todos os aspectos da poética e da prática musicais. Isso inclui os instrumentos, as técnicas de composição, as linguagens e o pensamento estético-musical — no fundo, toda uma racionalidade que "objectivou" a música ocidental ao longo da sua história. As culturas musicais do Ocidente e do Oriente distinguem-se por diferentes modos de pensar a música, pela sua capacidade de integração social, pelos instrumentos e pelo espectro sonoro, por diferentes abordagens da relação entre a música, o corpo social e o mundo. Distinguem-se pelas suas diferentes racionalidades.

O Festival Expresso Oriente tem demonstrado que as diferenças específicas e as marcas culturais que distinguem, noutros planos, Oriente e Ocidente, nem sempre são evidentes na música — e, em especial, na nova

música. Mas, descobrir os traços dessas diferenças não constitui propriamente um objectivo em si mesmo. Estas descobertas são, na verdade, um resultado secundário e, por vezes, surpreendente... pela sua irrelevância.

A capacidade 'atravada' da cultura ocidental tem-se revelado historicamente dominante. Do mesmo modo, também a música ocidental, com a sua racionalidade e as suas modalidades, tem-se imposto nos vários domínios como o padrão da música. Muitos compositores de países orientais que se formam em escolas de música do Ocidente produzem música, que revela a assimilação do modo ocidental, embora com alguns traços, de intensidade distinta, da sua herança cultural. A sua música, moldada agora pela "escola" ou pela aprendizagem formal do modo ocidental, tem, frequentemente, como resultado a anulação do seu traço original ou, eventualmente, revela-se numa forma híbrida.

A avidez pelo novo, gerado pela modernidade, criou uma ansiedade irrequieta e individualizada, que também integra a matriz cultural, política e económica do Ocidente e que tem alargado, gradualmente, a sua influência ao Oriente.

Este interesse pelas músicas de outras paragens tem uma razão que começa por ser "inocente": é a ideia positiva de que as culturas beneficiam de uma fusão recíproca e que com esse enriquecimento a música se transforma. Mas, de um modo um pouco mais cínico, também importa notar que o interesse pela música do Oriente e pela música de compositores orientais correspondeu a um momento de esgotamento das

propostas do "complexo internacional de produção e difusão da nova música" no Ocidente. As "curiosidades" exóticas passaram a ser uma das propostas de inovação, um novo interesse para vender a um público ávido de novidades e com os ouvidos já saturados das infinitas investigações, pesquisas e experiências da música europeia do século XX.

No que diz respeito à nova música, a descoberta de diferenças específicas é realmente mais improvável. Se excepcionarmos abordagens deliberadamente étnicas, nacionais e locais, por parte de compositores orientais, ou abordagens que procuram integrar o "exótico" como traço de aproximação intercultural, multicultural e global, por parte de compositores ocidentais, a nova música de raiz ocidental fez explorações tímbricas, texturais e dramáticas que, em grande medida, se aproximaram auditivamente de alguns gestos de outras sonoridades. Alguns compositores ocidentais largamente influenciados pela cultura oriental (da filosofia Hindu, ao pensamento Taoísta, Zen, o Budismo, etc) procuraram intencionalmente aceder a essa música, experimentando a possibilidade de um re-encontro com uma raiz humana essencial, ainda que de forma ficcionada ou mítica.

Com um enfoque particular na música de compositores indianos e no universo musical da Índia, a edição de 2008 do Festival Expresso Oriente apresenta alguns compositores e obras totalmente desconhecidos em Portugal, bem como algumas obras raramente apresentadas em concerto.

O primeiro concerto propõe o "confronto" entre dois compositores que não têm quaisquer pontos de

afinidade musical entre si, senão num aspecto: o "toque" da cultura da Índia. Essa confrontação permitirá conhecer dois modos de "pensar" a música, as suas capacidades e os seus recursos expressivos. Assim, serão ouvidos fragmentos, em sequência, de *Sonatas e Interlúdios*, de John Cage, escritos sob inspiração da filosofia tradicional hindu e *Opus Clavicembalisticum*, de Kaikhosru Sorabji, compositor de origem indiana que viveu em Inglaterra. Dois compositores únicos na sua singularidade artística e musical, certamente, mas que representam duas formas de "processar" um mesmo universo.

O concerto de dia 30 de Setembro, apresenta um conjunto de obras que resume todo este universo: Christian Utz, um compositor austríaco interessado na exploração do multiculturalismo na música; Unsuk Chin, compositora sul-coreana, radicada na Alemanha; Naresh Sohal, compositor indiano interessado na música ocidental; Tan Dun, compositor chinês com uma abordagem cosmopolita; e Cândido Lima, compositor português com um pensamento aberto ao mundo. A música de Naresh Sohal, compositor com uma obra vastíssima e internacionalmente reconhecido, é pela primeira vez apresentada em Portugal, bem como a de Kaikhosru Sorabji e de Christian Utz.

Como sempre, o espaço para a nova música portuguesa revela, de novo, a solidez dos caminhos abertos. Desta vez, para além dos compositores, a OrchestrUtopica orgulha-se de se apresentar em conjunto com o Drumming Grupo de Percussão.

José Júlio Lopes

Sáb 27 de Setembro
21h30 · Duração aprox. 1h05
Piano Elsa Silva

Kaikhosru Sorabji Índia/Inglaterra
Opus Clavicembalisticum (fragmentos)**
John Cage EUA
Sonatas e Interlúdios (fragmentos)

Ter 30 de Setembro
21h30 · Dur. aprox. 1h20 c/ intervalo
OrchestrUtopica · Drumming
Sheng Wu Wei
Maestro Jean-Sebastien Béreau

Christian Utz Áustria
repercussion.camouflage.report (2003)**
Tan Dun China
Water Music (1978)**
Cândido Lima Portugal
Oscillations (1974-75)
Naresh Sohal Índia
Hexad (1971)**
Unsuk Chin Coreia do Sul
Fantaisie mécanique (1994, rev 1997)**

Qui 2 de Outubro
21h30 · Duração aprox. 1h00
OrchestrUtopica, Solistas

Sérgio Azevedo Portugal
Berliner Trio
Naresh Sohal Índia
*Foray***
Vasco Mendonça Portugal
Drives
Luís Tinoco Portugal
Ends Meet

** Primeira audição em Portugal

OrchestrUtopica
Músicos

Nátalia Monteiro Flauta (2)
Alice Caplow-Sparks Oboé (2)
Luís Gomes Clarinete (2)
Nuno Pinto Clarinete (3)
Carolino Carreira Fagote (2)
Ângelo Caleira Trompa (2)
Sérgio Pacheco Trompete (2)
Reinaldo Guerreiro Trombone (2)
Elisabeth Davis Percussão (3)
Elsa Silva Piano (1, 3)
Paulo Pacheco Piano (2)
Vitor Vieira Violino I (2)
Xuan Du Violino I (3)
Juan Maggiorani Violino II (2)
Vitor Vieira Violino II (3)
Cecliu Isfan Viola (3)
Irma Skenderi Viola (2)
Jed Barahal Violoncelo (2, 3)
Vladimir Kousnetzov Contrabaixo (2)
José Luís Ferreira Electrónica (2)

(1) Concerto dia 27 Setembro
(2) Concerto dia 30 Setembro
(3) Concerto dia 2 Outubro

Drumming
Músicos

Nuno Aroso
Pedro Oliveira
João Cunha
Rui Rodrigues

Compositores e obras



Cândido Lima (1939)

Fez estudos secundários e cursos gerais de música em Braga, e prosseguiu-os em Lisboa e no Porto, onde concluiu o Curso Superior de Piano (1967) e Composição (1970). Estudou nas Universidades de Paris I e Paris II e de Vincennes (1975-78). Fez estágios no CEMAMu (78-84) e no IRCAM (1981 e 1991) onde realizou estudos de electroacústica, informática e informática musical. Além de se ter dedicado a estudos de Filosofia na Faculdade de Filosofia de Braga (1968-1973), estudou durante anos, em privado e em seminários, no Institut d'Esthétique et Sciences de l'Art com Iannis Xenakis. Estudou ainda Análise e Direcção de Orquestra com Gilbert Amy e Michel Tabachnik. Fez um doutoramento em Estética Musical, 1983, nas Universidades de Paris I e Paris IV — Panthéon-Sorbonne (o 1º em Portugal), e prolongou-o num Doctorat d'État. Foi bolseiro da FCG, da SEC, do Centro Acanthes, da Fundação Europeia da Cultura, entre outras.

Tem escrito numerosos artigos e ensaios sobre música e sobre a reforma do ensino da música, e dedica grande parte da sua actividade ao ensino e à animação cultural. Cândido Lima foi professor nos Conservatórios de Braga, Aveiro, Coimbra, Porto, entre outros. É professor na ESMAE desde 1985, onde, em 1999, apresentou provas públicas para Professor-Coordenador. Tem realizado também cursos, seminários e conferências no país e no estrangeiro. Colabora, desde 1972, na Enciclopédia Luso-Brasileira Verbo e na Verbo XXI. Desenvolve estudos teóricos interdisciplinares no domínio da Filosofia, da Pedagogia e dos Multimédia integrados na composição musical e, neste contexto, realizou várias entrevistas com Iannis Xenakis, György Ligeti e Pierre Boulez, sobre as quais está a elaborar uma análise comparada para publicação.

Fundou, nos princípios dos anos de 1970, o Grupo Música Nova. Compôs música para várias séries de televisão, onde colabora, assim como para a rádio, desde 1963. Os seus textos teóricos têm sido editados em revistas, livros, partituras. Também a sua música tem sido editada em CD: *Vozes à luz [à memória]*, *Aquiris*, *Memorabilis*, *Oceanos*, *Autómatos da areia*, *Lendas de Neptuno*, em CDs colectivos, *Beat-Faul*, música para piano, vozes, coro, etc. Em 2004, foi lançado o seu livro, *Origens e segredos da música portuguesa contemporânea — Música em som e imagem* (ed. Politema, IP Porto).

Alguns concertos monográficos têm-lhe sido dedicados nos últimos anos. Várias estreias de obras sinfónicas e de música de câmara tiveram lugar em 2003, 2004 e 2005. A obra *Ncãncôa*

foi seleccionada pela organização do World New Music Days (WNMD) 2004 "Trans-it" — International Society Contemporary Music (ISCM) na Suíça.

Foi convidado pelo compositor Pascal Dusapin para membro do Comité de Sélection de l'Académie Européenne de Composition, a funcionar desde 2006.

Oscillations (1974-75)

Oscillations foi escrita entre 1974 e 1975, respectivamente no Porto e em Paris. O título reporta-se ao sentido de flutuações, aqui, acústicas e estilísticas. Os materiais e estruturas de que é feita a obra constituem uma espécie de reservatório ou prenúncio de obras futuras, onde esses materiais e estruturas não-de ser absorvidos e desenvolvidos por outras arquitecturas e por outros princípios. A exploração de técnicas e de sonoridades pianísticas, ampliadas pelo jogo das percussões, envolvem e dominam a escrita contida e um tanto neutra das técnicas e idiomatismos dos restantes instrumentos, onde a expressividade, a harmonia e a textura ocupam lugar de destaque.

Copyright © 2008 Cândido Lima



Christian Utz (1969)

Christian Utz, compositor e musicólogo, nasceu em Munique. É, desde 2004, professor de Teoria Musical e Análise Musical na Universidade de Música e Artes Dramáticas de Graz (Áustria); em 2007/2008 foi professor convidado de Composição e Musicologia na Universidade Nacional de Chiao-Tung (Xinzhu/Taiwan) e na Universidade de Tóquio (Japão). De 1990 a 2000, Utz estudou Composição, Piano, Teoria Musical e Musicologia em Viena e Karlsruhe. Em 2000 completou o seu Doutoramento no Instituto de Musicologia da Universidade de Viena com uma tese sobre *Nova Música e interculturalidade — de John Cage a Tan Dun*, publicada em 2002 por Franz Steiner Verlag Stuttgart/Alemanha.

Utz recebeu encorajamento musical de Erich Urbanner, Dieter Kaufmann, Wolfgang Rihm, Mauricio Kagel, Luca Francesconi, Brian Ferneyhough, Salvatore Sciarrino e Helmut Lachenmann. Foi convidado para os mais importantes seminários europeus de música (Royaumont/F 1998, Estágio de Informática musical IRCAM/Paris

1999, 14º seminário internacional de composição de Boswil/Suíça 2001, seminário de composição do Ensemble Ictus, em Bruxelas, 2002), e recebeu numerosas bolsas e prémios.

Utz interessou-se desde muito cedo pelos conceitos de composição livre, explorando a abertura de campos entre o teatro e a música, composição e improvisação, música instrumental e electrónica. A partir de 1998, as suas actividades como compositor têm sido marcadas por colaborações inter-artísticas e cruzamentos multiculturais.

Em 1998, fundou o AsianCultureLink para potenciar as trocas interculturais entre artistas europeus e asiáticos. O sua actividade académica inclui teoria e análise dos séculos XVIII ao XXI, a música tradicional e a nova música de culturas não-ocidentais e história intercultural da composição.

repercussion.camouflage.report (2003)

para sheng/xun, flauta/flauta baixo, trombone, percussão e electrónica ao vivo

repercussion... tremor — quatro instrumentos emergem um após outro a partir de uma estrutura ritualizada, em forma de quarteto e os seus sons são distorcidos e descontextualizados.

camouflage... decepção — fragmentos pré-gravados dos quatro instrumentos são "montados" numa partitura "imaginária" em tempo real. Os músicos continuam a tocar os seus instrumentos apesar de não produzirem nenhum som.

report... documentário — independência solística em paralelo com estruturas apertadas que são sucessivamente afectadas. Estruturas de ruído e a predomi-

nância de sons de documentário formam dois pólos que afectam as acções instrumentais.

Propus-me o desafio, durante cinco anos, de ligar e transformar a tradição musical do Ocidente e da Ásia numa constelação híbrida, mas não sintética e comecei a sentir uma crescente necessidade de relacionar essa experiência com realidades sociais e históricas. Paralelamente, em "Zersplitterung" ["Splintering"] (2002), uma "tradução" do género vocal "sijo", procurei reflectir a situação dos dissidentes que sofrem a repressão dos regimes autoritários. A desproporção desta tentativa foi tida em conta desde o início. Em "repercussion.camouflage.report", no entanto, o plano original era o de desenvolver ideias a partir da filosofia paradoxal do pensador Taoísta Zhuangzi, que eram, provavelmente, incompatíveis com a minha própria experiência da realidade política global nos anos de 2001 a 2003.

Qual é a origem do ódio? De onde vem o desejo de retaliação e vingança, o poder arcaico do conceito de inimigo? Nem uma referência ao pensamento anti-essencialista de Zhuangzi, nem uma forma imanente de interculturalidade pareciam adequar-se ao confronto de tais questões. Donde, surgiu a intenção de encontrar uma linguagem musical menos específica em termos culturais que pudesse ser acusticamente relacionada com materiais de documentário via electrónica ao vivo. Os materiais de documentário incluem uma reportagem dos media americanos do 11 de Setembro de 2001, discursos públicos de George W. Bush e Osama Bin Laden, e som original da explosão dos movimentos democráticos na praça de Tiananmen em

Pequim, em 4 de Junho de 1989. Nesta confrontação com "espaços" concretos, as estruturas abstractas da música são carregadas de poder semântico e é, portanto, transformada em gestos simples e repetitivos. Uma pequena paragem — uma reminiscência? — (uma citação do Requiem de Johannes Ockeghem) por fim dissolve-se em ruído denso e a declaração de Capitulação do Imperador Japonês em Agosto de 1945 torna-se audível. Uma rede estranha, e seguramente discutível, de alusões e associações que poderá ser entendida como um manifesto contra o ódio e a violência, mas que também testemunha uma certa impotência e fragilidade da música em face da realidade.

Copyright © 2003 Christian Utz



John Cage (1925-2003)

Nasceu em Los Angeles e cedo abandonou a escola, convencido de que era uma instituição que não o levaria a lugar nenhum. Mudou-se para a Europa com a intenção de se tornar escritor. Em Paris estudou arquitectura e interessou-se

por música e pintura. Escreveu as suas primeiras composições em Maiorca.

Voltou para os EUA e estudou Harmonia e Composição com Adolph Weiss e Música Oriental e Folk Music com Henry Cowell, na New School for Social Research em Nova Iorque.

Foi para Los Angeles estudar com Arnold Schoenberg, mas o seu relacionamento com Schoenberg desfez-se rapidamente pois não se entendiam quando o assunto era Harmonia. Schoenberg chegou a dizer a Cage que ele nunca seria capaz de compor.

Começou a envolver-se com a dança em 1937, trabalhando como compositor e acompanhante de aulas de dança moderna, primeiro na Universidade da Califórnia e depois na Cornish School em Seattle. Quando Syvilla Fort lhe encomendou, em 1938, uma música para sua coreografia *Bacchanale*, com motivos africanos, a qual requeria sons primitivos de percussão, Cage inventou o "piano preparado", no qual introduzia objectos entre as cordas (pedaços de papel, madeira, metal, etc.) para que produzissem efeitos sonoros diversos, numa abordagem vanguardista radical. Mais tarde trabalhou frequentemente em associação com o coreógrafo Merce Cunningham.

Envolveu-se com o Budismo Zen, que o inspirou a compor *Music of Changes*, peça na qual as notas e a sua duração eram determinadas pelo I Ching: o intérprete sorteava um hexagrama que determinava a combinação das cartelas, às quais Cage associava sons e silêncios, formando a obra. Em Estocolmo, compôs *Music Walk*, que consiste em nove folhas com anotações e uma em branco, e um pequeno plástico com

recortes retangulares que é colocado em qualquer posição. A 'Música aleatória' — que Cage levou ao extremo —, surgiu nos anos de 1950 como reacção ao Serialismo. A *performance* é imprevisível, pois cabe ao intérprete escolher, entre os caminhos sonoros indicados através de notação específica, o que mais lhe agrada.

Em 1961, foi convidado para proferir conferências no curso de verão da escola de Darmstadt, em que, na época, dominava o serialismo integral, e onde apresentou suas inovações no campo da música aleatória.

Cage compôs, também, a obra silenciosa *4'33"*, que é o tempo que os artistas ficam em silêncio no palco segurando os seus instrumentos, e cuja reacção da plateia pode ir da surpresa à indignação.

Sonatas e Interlúdios (1946-48)

As "Sonatas e Interlúdios" são as obras-primas de Cage para piano preparado. Na composição destas obras, Cage expressa a sua interpretação das emoções permanentes da tradição indiana: o heróico, o erótico, o maravilhoso, o cómico (as quatro modalidades da luz), a piedade, o medo, a angústia, o odioso (as quatro modalidades da escuridão) e a sua tendência comum para a tranquilidade. Esta foi a primeira composição de Cage usando a filosofia Hindu; escreveu as "Sonatas e Interlúdios" num período em que leu a obra do crítico e historiador de arte indiano Ananda K. Coomaraswamy.

Copyright © 2008 (adapt.) OU



Kaikhosru Sorabji (1892-1988)

Kaikhosru Sorabji ocupa uma posição curiosa e notável no repertório musical. A maior parte das suas obras são extraordinariamente longas e difíceis tornando-se inacessíveis para muitos pianistas. Muitas das suas obras para piano nunca foram gravadas e outras só o foram parcialmente.

O seu nome original era Leon Dudley Sorabji, tendo nascido em Chingford, Essex (Inglaterra), filho de pai indiano "parsi" (um bem sucedido comerciante) e de mãe espanhola/italiana. Mais tarde alterou o seu nome como forma de demonstrar a sua identificação plena com a herança Parsi: "Na antiga tradição da comunidade zaraturstiana Parsi, do lado do meu pai, à qual me orgulho de pertencer, esta cerimónia [o baptismo: a atribuição do nome], é normalmente realizada na infância, ou em casos especiais, como o meu, mais tarde, quando assumi o meu nome tal como é agora."

Sorabji exerceu uma intensa actividade como crítico musical estando ligado à revista *New Age* de A. R. Orage. As suas publicações críticas eram bastante ácidas, embora divertidas, e geravam uma enorme desconfiança no público inglês. Entre elas contam-se ensaios sobre Busoni, Reger, Szymanowski e Bernard van Dieren. Estudos sobre o Hinduísmo Tântrico estão na origem do seu ensaio sobre a motivação metafísica em música intitulado *Sinfonia Tântrica*.

A sua música é influenciada por Alkan, Busoni (a quem a sua Segunda Sonata para piano é dedicada), Godowsky, Reger, Szymanowski, Scriabin e Delius. Algumas das suas características como compositor são inspiradas em Busoni: formas barrocas — coral, prelúdio, *passacaglia*, e fuga — com harmonias, melodias e abordagens que não são neo-clássicas na acepção corrente.

Muitos aspectos da sua vida foram durante muito tempo desconhecidos do público uma vez que Sorabji era bastante renitente em falar desse assunto. Era conhecido por recusar constantemente pedidos de entrevistas ou de informação. Era igualmente célebre por recusar-se a autorizar a apresentação das suas obras em público. Dado que possuía fortuna pessoal, não tinha necessidade de ser diplomático. A sua casa (a que chamava "O olho") tinha um letreiro na porta: "os visitantes não são bem-vindos".

Opus Clavicembalisticum (1929-30)

"Opus Clavicembalisticum" (1930) para piano solo demora entre três a quatro horas e consiste em três secções, cada

uma dividida em diversos movimentos, cada um maior que o anterior — já fez parte da lista do Guinness Book of Records como a mais longa peça de piano alguma vez escrita sem repetições, mas foi suplantada por outras obras do próprio compositor que têm uma duração superior ("Opus Archimagicum"; "Sequentia Cyclica Super Dies Irae ex Missa Pro Defunctis"; e o conjunto completo dos seus "100 Estudos Transcendentais").

Ao lado de "Studies for Player Piano", de Conlon Nancarrow, o "Opus Clavicembalisticum" de Kaikhosru Sorabji é uma das mais longas obras para piano do século XX e é dedicada: "to the everlasting glory of those few men blessed and sanctified in the curses and execrations of those many whose praise is eternal damnation."

A obra é composta por 12 movimentos que evoluem em torno de um tema com 44 variações e uma passacaglia com 81 variações. As suas fugas são fantásticamente complexas e as suas harmonias, nas palavras do compositor, são "ácidas como ácido nítrico". É uma obra difícil de ouvir, dada a sua duração. Esta obra de fino contraponto e estruturas arcanas apresenta o seu próprio tipo de drama, não construído em contrastes ou em mudanças abruptas de tempi, mas numa impressionante variedade de tempi e de texturas, luminosas combinações rítmicas e ornamentações. O dito de Gertrude Stein sobre a escrita — que os parágrafos são emocionais e as frases não o são — aplica-se à música monumental de Sorabji.

Copyright © 2008 (adapt.) OU



Luís Tinoco (1969)

Luís Tinoco formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura, completou um Mestrado em Composição na Royal Academy of Music em Londres.

Em 1999, foi-lhe atribuído o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte, pelo IPAE/Ministério da Cultura e, mais recentemente, foi distinguido com o Prémio Nacional Cidade de Gaia. Foi também distinguido com os prémios de composição Lopes-Graça, Cláudio Carneiro, Galliard Ensemble; e, na Royal Academy of Music, foram-lhe atribuídos os prémios Edward Eicht, Mosco Carner, Battison Haynes, Charles Lucas e Howard Carr Memorial Prize.

A sua música tem sido interpretada por agrupamentos e orquestras nacionais e internacionais, tais como: Quarteto Arditti, Apollo Saxophone Quartet, Drumming — Grupo de Percussão, Birmingham Contemporary

Music Group, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Ensemble Lontano, Galliard Ensemble, Le Nouvel Ensemble Moderne, Remix Ensemble, Sentieri Selvaggi Ensemble, Solistas da Ópera de Berlim, OrchestrUtópica, Orquestra de Cordas da Filarmónica Eslovena, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional do Porto, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Gulbenkian, Albany Symphony Orchestra, El Paso Symphony Orchestra, Orquestra Filarmónica de Turim e Royal Philharmonic Orchestra.

Paralelamente à sua actividade de compositor, tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical, destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP, como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música e, mais recentemente, assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos.

Recentemente, estreou *From the Depth of Distance*, uma peça para soprano e orquestra co-encomendada pela Orquestra do Algarve e pela Orquestra Sinfónica de Albany, Nova Iorque.

Projectos futuros incluem a estreia em Dezembro de uma nova peça para o Sond'Ar-te Electric Ensemble, encomendada pela Miso Music Portugal.

A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press.

Ends meet (2001/02)

Para marimba e quarteto de cordas. Esta peça foi uma encomenda da

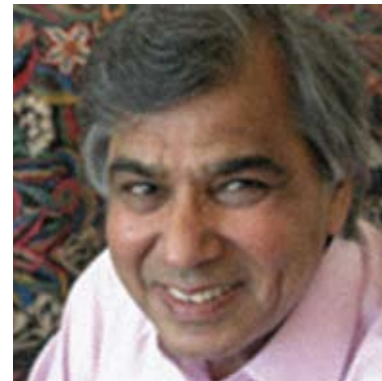
Câmara Municipal de Matosinhos e teve a sua estreia absoluta no New Zealand International Arts Festival, a 12 de Março 2002, pelo percussionista Pedro Carneiro e membros do Ensemble Stromax; e estreia nacional no Festival Internacional de Música de Castelo Branco, a 14 de Maio 2002, pelo percussionista Pedro Carneiro e o Quarteto Lopes-Graça.

- I. *Tempo giusto, quasi meccanico*
- II. *Libero e delicato*
- III. *Libero e tranquillo*
- IV. *Vivo*

"Ends Meet" é formado por quatro andamentos numa série de círculos que partilham material entre si. A música não segue uma estrutura com um desenvolvimento no sentido tradicional do termo e insiste em regressar aos seus pontos de origem, tocando os seus fins. Esta ideia de continuum surge logo no primeiro compasso, com a música a soar como uma corrente — como se se pudesse ter iniciado noutra qualquer ponto do tempo — evitando um gesto introdutório.

Num segundo nível estrutural, pode ser observada uma clara relação entre os andamentos extremos — no que se refere ao ritmo, gesto, textura e organização das alturas — mas, também, entre o segundo e terceiro andamentos — no que se refere à proporção e ao desejo de fundir os timbres da marimba e do quarteto de cordas.

Copyright © 2002 Luís Tinoco



Naresh Sohal (1939)

Nascido no Punjab no Norte da Índia, Naresh Sohal é filho de um poeta Urdu, Des Raj. Sohal. A sua educação inclui uma licenciatura em Matemática na Universidade do Punjab. Fixou-se em Inglaterra, em 1962, para aprofundar o seu conhecimento de música ocidental e rapidamente começou a trabalhar como copista na editora Boosey & Hawkes, ao mesmo tempo que frequentava diversas instituições para estudar música: estudou no City Literary Institute e depois no London College of Music. Como bolseiro do Arts Council, pode estudar microtonalismo com o compositor Alexander Goehr.

As suas obras têm sido tocadas por todo o mundo e dirigidas por maestros e intérpretes tão famosos como Andrew Davis, David Atherton e Zubin Mehta. Zubin Mehta e Andrew Davis encomendaram-lhe duas peças (uma para a Filarmónica de Nova Iorque e outra para a Orquestra Sinfónica da BBC. Nos anos de 1970, o compositor escreveu bastante

para agrupamentos de câmara, como, por exemplo, a London Sinfonietta e o Nash Ensemble. Acompanhou o ensemble de câmara da Nordeutscher Rundfunk numa digressão ao sudeste asiático durante a qual a sua peça *Hexad* foi apresentada por oito vezes. Nos anos de 1980, dedicou-se a escrever para grande orquestra. Desse período faz parte a obra *The Wanderer*, encomendada pelos BBC Prom (1987) e o ballet *Gautama Buddha*, apresentado pelo Houston Ballet com estreia europeia no Festival de Edimburgo.

Desde aí, a sua produção inclui óperas de câmara intituladas *Madness lit by Lightning*, com um libreto original de Trevor Preston, *Maya*, baseada numa parábola da mitologia indiana e *Lila*, encomendada pela BBC para a Orquestra Sinfónica da BBC.

Sohal é também muito bem sucedido como compositor de música para cinema e televisão.

Hexad (1971)

Peça em seis andamentos independentes. O primeiro andamento faz-se em torno do uso do unísono e de pequenos desvios a partir dele. Numa pequena parte deste andamento, as cordas usam material baseado numa escala e três quartos de tom.

A escala a partir dos intervalos de quartos de tom 5+4+3+2 foi usada na construção do quarto andamento.

O último andamento é notado em relação a um tom. O valor do tempo é deixado inteiramente aos instrumentistas, excepto no caso de instruções genéricas como allegro, moderato, etc.

Copyright © 2000 Naresh Sohal

Foray (2006)

A peça Foray é composta por dois movimentos. O primeiro inicia-se num tempo lento com aglomerados de notas brancas no piano, que pontuam e ampliam a melodia do violoncelo. O desenvolvimento deste material realiza-se principalmente por extensão. A música torna-se mais rápida, culminando numa figura angulosa no violoncelo. Esta secção termina com a reiteração de parte do tema inicial.

O segundo andamento abre com o piano expondo o primeiro tema. O violoncelo sobrepõe-se ao piano. De seguida o piano expõe um segundo tema, com um carácter mais sóbrio. O violoncelo sobrepõe-se a este material e encaminha a peça para a conclusão.
Copyright © 2004 Naresh Sohal



Sérgio Azevedo (1968)

Sérgio Azevedo nasceu em Coimbra e estudou composição na Academia de Amadores de Música com Fernando Lopes-Graça. Concluiu os estudos superiores de composição com 20 valores na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalhou com Constança

Capdeville e Christopher Bochmann. Ganhou diversos prémios de composição, nacionais e internacionais, e as suas obras têm sido encomendadas e tocadas em vários países pelos mais prestigiados intérpretes, como Cesário Costa, Artur Pizarro, António Rosado, Luca Pffaf, Álvaro Cassuto, Lorraine Vaillancourt, Brian Schembri, Fabiane Panisello, Aline Czerny, Marc Foster, Ronald Corp, Remix Ensemble, Orchestrutopica, Galliard Ensemble, Proyecto Gerhard, Le Concert Impromptu, Ensemble Télémaque, Plural Ensemble ou o Nouvel Ensemble Moderne. Publicou, em 1999, *A Invenção dos Sons* (Caminho), em 2007, *Olga Prats — Um Piano Singular* (Bizâncio), e colabora com The New Grove Dictionary of Music and Musicians. É professor na ESML e foi colaborador da RDP — Antena 2 entre 1993 e 2006. Foi ainda membro do CESEM desde a sua fundação até 2006. Está actualmente (2008) a realizar o doutoramento no Instituto de Estudos da Criança (IEC), da Universidade do Minho, sob a orientação de Elisa Lessa e Christopher Bochmann, com um projecto de composição de uma ópera infantil, sendo ainda o responsável artístico da edição crítica das obras de Fernando Lopes-Graça, iniciativa do Museu da Música Portuguesa (Cascais). A sua música é publicada desde 2007 pela editora AVA — Editions (www.editions-ava.com).

Berliner Trio (2006)

O "Berliner Trio" é uma grande passacalha de 15', um conjunto massivo de doze variações sobre um tema melódico obstinado, que se mantém sempre — pouco ou nada alterado — de variação

para variação. Este tipo de técnica interessa-me muito, pois permite-me olhar para um objecto, neste caso o tema, de vários ângulos diferentes. Tal como no Monet da Catedral de Rouen ou da Gare Saint-Lazare, em que as diversas tomadas de vista, a diferentes horas do dia, originam percepções diversas do objecto retratado, através da passacalha é também possível ouvir o tema a uma luz harmónica sempre cambiante.

Copyright © 2006 Sérgio Azevedo



Tan Dun (1957)

O compositor e maestro chinês Tan Dun é um criador conceptual e multifacetado que tem deixado uma marca indelével na cena musical mundial. Possui um repertório altamente criativo que abrange um vasto leque desde as fronteiras do clássico, o multimédia, aos sistemas musicais ocidental e oriental.

Vivendo actualmente em Nova Iorque, Tan Dun nasceu em Simao, China. Tendo trabalhado como plantador de arroz e actor na Ópera de Pequim durante a Revolução Cultural, mais tarde foi

estudar para o Conservatório Central de Pequim. É doutorado em Música pela Columbia University de Nova Iorque. Tan Dun tem recebido inúmeros prémios internacionais, dos quais se destacam o prémio Toru Takemitsu da Glenn Gould Prize em Music Communication, e de Hans Werner Henze pelo Munich International Music Theatre Award. Tan Dun foi director musical do Tanglewood Contemporary Music Festival, em 1999, e director artístico do Festival Internacional do Barbican Centre de Londres, em 2000. Actualmente é director musical do Festival de Multimedia com a Orquestra da Rádio Flamande.

Copyright © 2006 (adapt.) OU

Water music (2004)

Tan Dun procura uma relação inesperada dos sons, na sua música orgânica (water music, paper music, etc), transformando e recriando o espectro sonoro com instrumentos e timbres como a "água" ou o "papel" (ou mesmo o ar, como na sua peça "Circle with four trios, conductor and audience"). Os instrumentos são assim atribuídos a uma "banda sonora", numa exploração ritualística da água como símbolo e ideia para lá de uma experiência fácil e literal.

Copyright © 2008 (adapt.) OU



Unsuk Chin (1961)

Unsuk Chin nasceu na Coreia do Sul. Estudou Piano e Teoria Musical desde muito cedo. Os seus estudos, incluindo Composição com Sukhi Kang, prosseguiram na Universidade Nacional em Seoul. Apresentou-se como pianista no Pan Music Festivals e, em 1984, a sua obra *Gestalten (Figures)* foi seleccionada para os World Music Days do ISCM no Canadá, e para o 'Rostrum for Composers' promovido pela UNESCO. Em 1985 muda-se para a Europa onde obtém uma bolsa DAAD para estudar na Alemanha, e onde tem aulas de composição com György Ligeti, em Hamburgo, até 1988. Depois disso, Unsuk Chin passou a viver em Berlim, compoendo e trabalhando no estúdio de electrónica da Universidade Técnica de Berlim.

As obras de Unsuk Chin têm sido tocadas em numerosos festivais e concertos na Europa, no extremo Oriente e nos Estados Unidos da América. A sua obra mais tocada é *Akrostichon-Wortspiel* para soprano solo e ensemble, que tem sido apresentada por agrupamentos como

o Ensemble Modern dirigido por George Benjamin, o Birmingham Contemporary Music Group dirigido por Simon Rattle, o Nieuw Ensemble de Amesterdão, o Asko Ensemble, o Ictus Ensemble, e pelos grupos de nova música da Filarmónica de Los Angeles e da Philharmonia Orchestra. Outras criações incluem a *Fantaisie mécanique* e *Xi*, ambas encomendadas pelo Ensemble InterContemporain, a obra para orquestra *santika Ekatala*, que teve a sua estreia pela Tokyo Metropolitan Symphony Orchestra, *ParaMetaString* encomendada pelo Kronos Quartet, o *Piano Concerto* escrito para Rolf Hind, e *Miroirs des temps*, uma encomenda da BBC para o Hilliard Ensemble e a London Philharmonic. *Kalà*, para solista, coro e orquestra, foi co-encomendada pela Orquestra Sinfónica da Rádio Dinamarquesa, a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo e a Orquestra Filarmónica de Oslo, e dirigida por Peter Eötvös em Março de 2001.

Chin é actualmente Compositora-residente da Orquestra Sinfónica Alemã de Berlim que lhe encomendou um concerto para violino. O concerto foi apresentado em Janeiro de 2002 e teve Viviane Hagner como solista, e Kent Nagano como maestro. Esta obra foi já apresentada na Coreia do Sul e na Finlândia e futuras apresentações estão programadas para a Grã-Bretanha e EUA. O seu mais recente trabalho é um Duplo Concerto para piano percussão e ensemble, encomendado pelo Ensemble InterContemporain e pela Radio France e foi estreado em Fevereiro de 2003.

Encomendas futuras incluem uma obra para a Ópera de Los Angeles, que será dirigida por Kent Nagano na tempo-

rada de 2005/06, e também uma nova obra para dois sopranos, contratenor e ensemble para a London Sinfonietta.

Fantaisie mécanique (1994, ver. 1997)

Intrada

I variation, *presto con brio*

II variation, *prestissimo*

III variation, *fließend*

Ária com intervalos de quarta - *andante, scherzo delicatezza, precipitoso*
Pequeno estudo para tecla — *allegro con leggerezza, allegro con moto*
Episódio com elementos metálicos — *andante sussurando*
Improvisação heptamétrica

Estreada em Paris, em Dezembro de 1994, pelo Ensemble Intercontemporain, "Fantaisie mécanique" — escrita para trompete, trombone, piano e percussão — é, tal como o título sugere, a união de dois conceitos opostos: improvisação e estruturas pré-determinadas. Embora dê a ilusão da expressão livre, na verdade a obra exige dos intérpretes o mais estrito virtuosismo e espírito de grupo. A primeira secção, "Intrada", baseia-se num grupo de quatro sons graves, que funcionam como núcleo central, constituindo uma corrente cromática "escondida" que anima toda a obra. Cada uma das ideias musicais seguintes contém, como a Intrada, figuras construídas mecanicamente cujo desenvolvimento também é "mecânico", sobre as quais é grafada uma polifonia que pode ir até oito partes. Ao mesmo tempo, na improvisação final, a escrita heptamétrica utilizada durante a obra combina-se formando uma polirritmia.

Copyright © 2007 Unsuk Chin



Vasco Mendonça (1977)

Vasco Mendonça tem tido diversas obras executadas em Portugal e no estrangeiro, em salas como Het Concertgebouw, Ysbreker (Amesterdão), Vredenburg (Utrecht), Beurschowburg (Bruxelas), Royal Northern College of Music (Manchester), Casa da Música, Centro Cultural de Belém e Culturgest.

Estreias recentes incluem *Reset* (co-produção Culturgest/Muziektheater Transparant), e *Cadaveri*, esta última gravada pelo Trio Mediterran in editora Classic Concert Records.

Com obras encomendadas por diversas instituições portuguesas (como o Festival de Música de Mafra, Festival de Música de Coimbra, Teatro S. Luiz, Casa da Música, Culturgest ou a Câmara Municipal de Matosinhos), tem tido igualmente participações em importantes festivais e eventos nacionais e internacionais (como a Gaudeamus International Contemporary Music Week, o Haarlem International Choir Festival, o Ilios Contemporary Music Festival, o Festival de Música do Estoril e Faro Capital da Cultura).

Entre os intérpretes da sua música encontram-se prestigiados agrupamentos europeus, como o Asko Ensemble, o Nieuw Ensemble, o Remix Ensemble, a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Nacional do Porto.

Entre os seus prémios e distinções incluem-se o Prémio Lopes-Graça de Composição em 2004, e o prémio Jovem Compositor em Residência na Casa da Música em 2007. Em 2008 a sua peça *Caged Symphonies* foi distinguida com uma menção honrosa no concurso Clefworks 2008, nos EUA.

Mendonça obteve a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, tendo completado em 2004 o Mestrado em Composição no Conservatório de Amesterdão, sob a orientação de Klaas de Vries. Encontra-se presentemente a realizar o Doutoramento em Composição no King's College London/Universidade de Aveiro, sob a orientação de George Benjamin e João Pedro Oliveira.

Drives (2001), clarinete e piano

Drives é, antes de mais, uma peça de interrogações formais, de procura de um modelo narrativo. Resulta da organização de objectos com características claramente reconhecíveis (a questão da identidade do material e do gesto é igualmente importante) contínuos, aos quais é recusada a transformação; o modelo de desenvolvimento em Drives é um modelo maquinal, é o modelo de um mecanismo accionado por 'controladores' que ligam e desligam eventos, rotinas.

Mas se a abordagem conceptual é uma abordagem distante e objec-

tiva, há por outro lado uma dimensão paródica (controlada localmente), que se manifesta em colagens de gestos e estilos — uma espécie de 'humanidade' da máquina, humanidade essa revelada apenas no momento em que a falha ocorre.

Copyright © 2001 Vasco Mendonça

Intérpretes



Elsa Silva piano

Elsa Marques Silva é natural do Porto. Iniciou os seus estudos musicais com a idade de seis anos na Academia de Música de Vila do Paraíso. Possui o grau de bacharelato da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, onde integrou a classe do professor Pedro Burmester. Concluiu em 2000 o seu mestrado na Hartt School of Music da Universidade de Hartford, EUA, onde foi aluna do professor Luíz de Moura Castro. Frequentou várias *masterclasses* internacionais sob a direcção de professores como Helena Sá e Costa, Dmitri Paperno, Vitalij Margulis, Boris Berezowsky, Tânia Achot, Nina Svetlanova e Peter Eicher, entre outros.

É laureada de inúmeros concursos nacionais e internacionais.

Tocou como solista com a Orquestra Nacional do Porto, Orquestra do Norte, Orquestra do Algarve, Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim e a Remix —

Orquestra de Jovens, colaborando com maestros como Meir Minsky, Ferreira Lobo, Osvaldo Ferreira, Nicholas Kok e Jean-Marc Burfin.

Realizou inúmeros recitais, tanto a solo como em formações de câmara, em Portugal, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos da América e Brasil.

Gravou para a Numérica e para a RDP. Apresentou-se por diversas vezes como artista convidada com o Remix-Ensemble Casa da Música e com a Orquestra Nacional do Porto. É membro da Orchestrutopica e da Camerata Senza Misura.

Foi bolsreira da Hartt School of Music e do Evelyn Bonar Storrs Scholarship Fund.

Exerce actualmente funções de acompanhadora das classes de clarinete da ESMAE, é professora na Academia de Música de Vilar do Paraíso e na Escola Municipal de Música da Póvoa de Varzim.



Wu Wei *sheng*

Wu Wei é um dos solistas de vanguarda de *sheng* (orgão de boca chinês) de renome internacional. Nasceu em 1970

na província de Jiangsu (China). Depois de estudar *sheng*, como estudante de mestrado, no famoso Conservatório de Xangai, recebeu uma bolsa DAAD, em 1995, para estudar no Conservatório Hans Eisler de Berlim. Vive em Berlim desde essa data.

Apesar de ter feito a sua formação em torno da música clássica chinesa, Wu Wei interessa-se igualmente pela música moderna e improvisada do ocidente — jazz, nova música e música minimal. Abriu novas fronteiras tímbricas na música ocidental e novas dimensões para a música clássica chinesa.

Como solista de *sheng*, tem-se apresentado com inúmeras orquestras, entre a quais: a Filarmónica de Berlim, sob a direcção de Kent Nagano; a Nova Filarmónica de Westfalen, dirigida por GMD Samuel Bächli; a Orquestra Sinfónica de Munique, a Sinfónica de Brandenburgo, a Orquestra Filarmónica de Taipé, a Orquestra Sinfónica de Valaanderen (Bélgica) e a Orquestra Sinfónica de Albany (Nova Iorque, EUA). Também se apresentou com o Ensemble Modern Academy, o Atlas Ensemble, o Nieuw Ensemble de Amesterdão, o Ensemble Musica Viva de Dresden, o DSO Chamber Ensemble, etc.

Entre 1998 e 2007 foi solista em mais de cem estreias de peças de música contemporânea, de John Cage a Enjott Schneider, de Huang Ruo a Christian Utz.

Wu Wei é também compositor tendo recebido encomendas da Fundação Royaumont France 2004, da Sächsischen Culture Foundation 2003, 2005 and 2006, Musica Viva Munich 2005 e do teatro de Potsdam em 2008.



Jean-Sebastien Béreau maestro

Ingressou aos 9 anos no Conservatório de Paris tendo como professores Darius Milhaud, Olivier Messiaen, Louis Fourrestier e Maurice Martenot, entre outros. Com apenas 27 anos foi nomeado director do Conservatório de Metz e maestro titular da Orquestra Sinfónica da mesma cidade; mais tarde veio a dirigir igualmente os conservatórios de Rouen e Estrasburgo, a Chorale Strasbourgeoise e o Coro Les Chanteurs de Saint Eustache (Paris). Durante cerca de quinze anos foi professor de Direcção de Orquestra e responsável por três orquestras do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Foi assistente de Pierre Boulez e Leonard Bernstein. Colaborou com artistas como Aldo Ciccolini, Samson François, Pierre Barbizet, Robert Casadesus, Paul Badura-Skoda, Philippe Entremont, Tatiana Nicolaevna, Yvonne Loriod, Roger Muraro, Maria João Pires, Pierre-Laurent Aimard, Jean Guillou, Yuri Bashmet, Jean-Pierre Rampal, Pierre-Yves Artaud, Pascal Moraguès, Maurice Allard, Maurice André, Thierry

Caens, Bernard Soustrot, Régine Crespin, Nicolai Gedda, entre muitos outros. Entre os seus numerosos alunos de Direcção de Orquestra figuram maestros como Pascal Verrot, Pascal Rophé, Vincent Barthe e Martin Lebel. Além de várias condecorações com que foi agraciado pelo Governo Francês, entre as quais a *Ordre du Mérite*, foi-lhe atribuído o prémio de composição da fundação americana W. and N. Copley. Actualmente, dirige uma classe de direcção de orquestra no Conservatório Nacional da região de Lille. O maestro Jean-Sebastien Béreau colabora regularmente com a OrchestrUtopica.



OrchestrUtopica

A Orchestrutopica (OU) é um agrupamento de câmara dedicado à promoção da nova música, concebido como um *instrumento* para compositores. Fundada em 2001 — pelos compositores Carlos Caires, José Júlio Lopes, Luís Tinoco e António Pinho Vargas, e pelo maestro Cesário Costa —, foi saudada com grande entusiasmo pelo público, pela crítica e pela comunidade musical. Ao fim de cinco anos já realizou mais de quarenta concertos, em Portugal e no estrangeiro. Mais do que um grupo dedicado à nova música, de espírito independente de qualquer academismo,

a OU apresenta-se como um espaço de diálogo, e troca de experiências, radicalmente diferente da atitude tradicional. Sempre que possível, os compositores representados nos programas da OU são chamadas a participar em fóruns abertos de discussão com músicos, artistas e público. A OU acredita firmemente na diversidade estética como postura mais saudável; a sua filosofia de programação não reconhece fronteiras entre campos musicais e entre disciplinas artísticas; a sua vitalidade depende de uma visão aberta e abrangente no que respeita à criação musical e artística contemporâneas.

Nos concertos que já realizou, a OU apresentou inúmeras obras encomendadas a compositores portugueses em estreia absoluta, e primeiras audições em Portugal de compositores estrangeiros. Até agora, tem podido contar com a colaboração de maestros e solistas de renome internacional, tais como os maestros Yu Feng, David Allen Miller, Odaline de la Martinez, Tapio Tuomela, Fabián Panisello, Olivier Cuendet, as sopranos Nicole Tibbels, Yeree Suh e Monique Krüs, e o violinista sueco Fredrik Burstedt, entre outros. A formação da OU apresenta alguns dos melhores músicos portugueses e estrangeiros residentes em Portugal, membros das principais orquestras e agrupamentos do país. É graças aos músicos que colaboraram com a OU, que as suas apresentações em concerto e o seu projecto têm merecido as melhores referências.

A OrchestrUtopica beneficia de um subsídio plurianual do Ministério da Cultura/Instituto das Artes e, desde a temporada de 2006/2007, é "orquestra em residência no CCB".



Drumming, grupo de percussão

Surgiu em 1999, no seguimento do primeiro curso superior de percussão aberto em Portugal, cinco anos antes, pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, com o apoio do Instituto Politécnico e da Escola Profissional de Música de Espinho.

Sob direcção de Miquel Bernat, percussionista e pedagogo de prestígio internacional, o agrupamento, formado por alunos e professores, ostenta no seu currículo dezenas de actuações em todas as principais salas do país — Fundação Gulbenkian, TNSJ do Porto, Culturgest, Teatro Camões, Centro Cultural de Belém, Teatro Rivoli, etc. — e também no estrangeiro em Espanha, Bélgica, França, Alemanha, etc. Foi grupo residente da programação musical da Porto 2001, Capital Europeia da Cultura, com oito actuações apresentadas os mais distintos programas.

Drumming é também o resultado da evolução da percussão erudita não só em Portugal, mas também, de um modo mais vasto, na cultura ocidental. O grupo tem contribuído, através da divulgação

das grandes obras contemporâneas, para o alargamento progressivo de público para esta especialidade, no seio da qual percorre as vias da inovação sonora e da poética do espectáculo, enquanto momento cénico único e total.

Com a estabilização em termos profissionais e autónomos, o projecto Drumming passou a desempenhar um papel central na divulgação do mais significativo repertório existente para percussão, entrando numa fase de desenvolvimento do seu próprio repertório com compositores estrangeiros e portugueses.

Nos últimos anos, tem-se consolidado a singularidade do papel de Drumming na cena musical portuguesa mediante apresentações que vão da percussão erudita, ou do Rock-Jazz-World Music, à música de cena para teatro, ópera e bailado, passando pela programação contemporânea temática. O grupo tem, igualmente, apresentado programas concebidos para fins itinerantes e didáctico-pedagógicos de trabalho com não profissionais.

No campo da pesquisa, a organização de seminários e conferências e a elaboração de um programa pedagógico próprio, integram uma actividade orientada numa perspectiva eclética que integra também o trabalho de atelier experimental, por onde passam trabalhos coreográficos, de ligação à música electrónica e de fusão com outros géneros musicais e artísticos.



Miquel Bernat Director Artístico Drumming

Miquel Bernat nasceu em Benisanó (Valência, Espanha). É percussionista e pedagogo de prestígio internacional, membro fundador do Ictus Ensemble (Bruxelas, Bélgica) e colaborador assíduo da Companhia de Dança Contemporânea ROSAS, de Anne Teresa de Keersmaeker. Estudou nos Conservatórios de Valência, Madrid, Bruxelas, Roterdão e frequentou o Aspen Summer Music Course, nos EUA. Recebeu vários prémios, entre os quais o Prémio Especial do Concurso Internacional GAUDEAMUS, Holanda 1993. Tocou, entre outras, com a Orquestra Ciutat de Barcelona (1988-1991), Espanha, e com a Royal Concertgebouw Orchestra de Amsterdão, Holanda.

Como pedagogo, Miquel Bernat orientou *masterclasses* em diversas instituições: Guildhall de Londres (Inglaterra), Universidade de Sidney (Austrália), Universidade de Pretória (África do Sul), Universidade de Campinas (Brasil), Universidade de Patagónia (Argentina),

Victoria University of Melbourne, RICE University of Houston, Universidade St. Denis (Paris), entre outras. Tocou como solista com a Orquestra Sinfónica de Madrid, Orquestra Nacional do Porto, Ictus Ensemble (Bruxelas), Ensemble 216 de Barcelona, Grupo Instrumental de Valência, Champ d'Action de Antuérpia (Holanda), entre outros.

Ao longo da sua carreira Miquel Bernat apresentou-se em vários recitais, designadamente em Parco de la Musica de Roma, IRCAM, Centro Georges Pompidou de Paris, Academia de Música Brooklyn (BAM), Auditori Nacional de Catalunya, Festival de Helsínquia, Festival de Estocolmo, Festival de Música de Estrasburgo, Festival de Salzburgo, Festival Primavera de Berlim, que o levaram a visitar vários países nos cinco continentes como: EUA, Tailândia, África do Sul, Moçambique, Brasil, Argentina, Japão, Austrália, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Suíça, Suécia, Finlândia, Holanda, Espanha, Mónaco e Áustria.

Ao longo de dez anos como Director Artístico do Drumming Miquel Bernat criou e desenvolveu variadíssimos programas e espectáculos permitindo a evolução gradual dos músicos do grupo que estão hoje entre os melhores percussionistas portugueses.

Direção artística Carlos Caires, José Júlio Lopes
Director José Júlio Lopes
Director musical Cesário Costa
Produção Élio Correia
Presidente da Mesa da Assembleia Geral Paula Gomes Ribeiro
Presidente do Conselho Fiscal André Sá Machado
Maestros convidados Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (FIN), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI)
Solistas convidados Ana Ester Neves, soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano (GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Yeree Suh, soprano (COR-S), Monique Krüs, soprano (NL), Guillaume Grosbard, violoncelo
Compositor-residente João Madureira (2004); Nuno Côrte-Real (2005)

A OrchestrUtopica é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos.
Copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007 e 2008, OrchestrUtopica e António Pinho Vargas, Carlos Caires, Cesário Costa, José Júlio Lopes e Luís Tinoco.
Todos os direitos reservados.
O logotipo e a designação OrchestrUtopica são propriedade da OrchestrUtopica ACSFL.
A OrchestrUtopica é uma estrutura apoiada financeiramente pelo Instituto das Artes — Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008)

Contactos:
Largo do Carmo, 18 — 1º esq, 1200-092 Lisboa, Portugal.
Tel. & Fax: +351 213 474 148
Email: orchestrutopica@novascenas.pt
www.novascenas.pt/orchestrutopica

A Resistível Ascensão de Arturo Ui

De Bertolt Brecht

Um espectáculo da Truta

Teatro Qui 2, Sex 3, Sáb 4, Seg 6, Ter 7, Qua 8 Outubro Peq. Auditório · 21h30
Duração aproximada: 1h45 · M12



A Resistível Ascensão de Arturo Ui foi escrita em 1941 por Bertolt Brecht durante o exílio na Finlândia. Tendo como pano de fundo a cidade de Chicago e as guerras entre *gangsters*, o autor pretendia demonstrar ao mundo como se deu a ascensão de Hitler e do Nazismo, afirmando: "É preciso esmagar os grandes criminosos políticos: e esmagá-los através do ridículo. Pois não são sobretudo grandes criminosos políticos, mas sim autores de grandes crimes políticos, o que é bem diferente."

Numa sociedade do espectáculo baseada mais em mecanismos de manipulação das imagens do que no crescimento pessoal e na construção participada de uma comunidade possível, a retórica substituiu a ética, transformando as práticas sociais em batalhas onde em vez do mérito há lobbies e favorecimentos. Brecht deixa-nos com este texto um valioso instrumento para pensar o mundo, através de uma paródia

sobre vilões e homens bons, todos corruptíveis. É isto que nos motiva. É no tom caricatural, risível e por vezes ridículo com que o autor esboça estas personagens que encontramos uma forma de comunicar.

A Truta nasceu em 2003 por iniciativa de um grupo de jovens criadores que desejavam explorar vários discursos e linguagens nas artes do espectáculo, de acordo com os interesses das pessoas que formam cada projecto, e numa constante evolução e adaptação às questões dos dias de hoje. Esta criação teatral é mais uma ocasião para reunir os colaboradores habituais e convidar novos, depois de *A Força do Hábito* de Thomas Bernhard (2003), *Da Mão para a Boca* de Paul Auster (2005) e *Da Felicidade* (2006).

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Vice-presidente

Miguel Lobo Antunes

Administradora

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Inês Freitas estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Ana Raquel Abelha

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos

e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino chefe

de imagem

Paulo Abrantes chefe

de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Valter Manhoso

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
